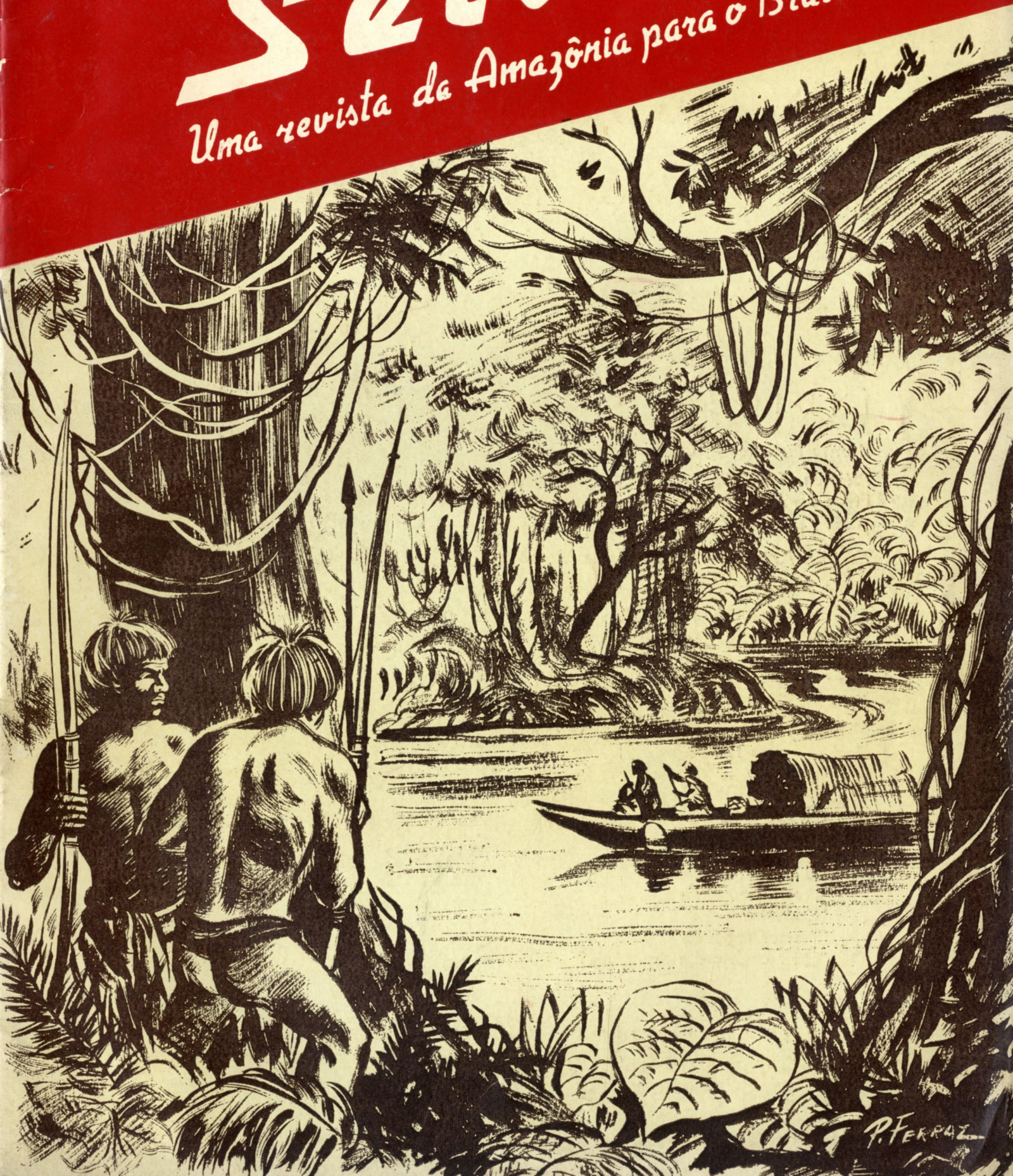
Bt. Mário Ypiranga Monteiro
Manaus Amazonas

Selva

Uma revista da Amazônia para o Brasil



SEC-39592
-14266-

Selva

Uma revista da Amazônia para o Brasil

Nº 2 NOVEMBRO 1946

Diretor-Redator-chefe - *PAULO BENTES*

Redatores { *José Potyguara*
Alves de Menezes
A. C. Ferreira Reis

ÍNDICE:

Aurelio Pinheiro — "O Rio Negro"

Petrarca Maranhão — "Geografia Humana e Física do Amazonas (esboço de ensaio)"

Percy Lau — "Trecho de um rio na Amazônia"

Ezequiel Padilha — "Impressões da Amazônia"

Paulo Bentes — "A Catedral de Belém"

João de Albuquerque Maranhão — "Meditação"

Alves de Menezes — "A Xiborena"

José Potyguara — "Sertanejos no Acre"

Roberval Cardoso — "A lenda do Guaraná"

Kidder e Fletcher — "Vitoria Regia, o maior elogio de uma Rainha"

Alberto Rangel
Pedro Calmon
Araujo Lima
Euclides da Cunha } "Aspectos sociais da Amazônia:

"O frio na Amazônia"
"Pratos Amazônicos"
"Curiosidades"
"Termos regionais"
"Quer conhecer a Amazônia?"

Preço: **Cr$ 5,00**

Para qualquer consulta sobre a Amazônia queira dirigir-se a esta revista. Ela informará com prazer.

AV. MEM DE SÁ, 236 — FONE 32-46-56
CAIXA POSTAL 94 - LAPA - RIO

Dr. Mário Ypiranga Monteiro
Manaus Amazonas

BIBLIOTECA PARTICULAR DE MÁRIO YPIRANGA MONTEIRO

O Rio Negro

AURÉLIO PINHEIRO

Não ha talvez em todo o vale do Amazonas — tão fértil em mistérios aterradores, em lendas inverosímeis e em episódios que saciariam a mais sôfrega fantasia — região mais vivamente interessante que a do Rio Negro.

As águas escuras como infinita toalha de hulha polida; as baías descomunais onde as tempestades levantam ondas como as do oceano; as cachoeiras sem conta interceptando a navegação; as florestas intermináveis, invariáveis, cansativas; as Vilas em ruínas, agonisando em doloroso abandono, — são etapas melancólicas assinalando a solidão daquelas paragens.

As suas praias de refulgente brancura, brilhando à luz do sol ou fulgindo à noite, lívidas, parecem mudas legendas seculares perpetuando feitos de supremo heroismo, abnegações enternecedoras, originais caprichos de governantes, revoltas épicas de selvícolas, tumultos de guerrilhas no entusiasmo e na avidez das primeiras conquistas, audácias indescritíveis de aventureiros, arrôjos de missionários expondo as vidas nas tabas alarmadas.

As suas margens devem guardar o clamor dos homens de Ajuricaba, que depois de vencer os invasores, depois de derrotá-los em vários recontros, depois de levantar o seu exército de índios contra a usurpação da terra amazônica, depois de esmagar muitas vêzes a soldadesca portuguêsa — foi, afinal, vencido, subjugado, prêso, arrastando o grilhão abjeto. Mas, chefe altivo, *Tucháua* arrogante, preferindo a morte

Missionário

à escravidão e à sentença infamante dos inimigos, lançou o último grito de revolta e mergulhou para sempre nas águas do rio.

Devem guardar o rumor guerreiro dos Maiapenas, dos Caraiaris, dos companheiros de Teodósio nas praias de Itarendáua; as batalhas de Caboquena e Manacassarí, aniquilando as fôrças de Portugal; e outras batalhas e outras pelejas em todo o curso do rio, desde a fóz às terras de Cucuí.

Os barrancos históricos de Tomar recordam a emocionante aventura de Ambrósio Aires, o *Bararoá,* figura de caudilho e gentilhomem, conclamando vassalos, amigos e indígenas, chefiando a sua tropa de bravos e lançando o terror nas hostes da *cabanagem,* que vence gloriosamente nas cercanias da Serpa e de Luzéa, desbaratando-as para sempre.

No sólo desventurado de Mariuá ainda se encontram vestígios das edificações de Joaquim Tinoco Valente e de Lobo de Almada, Governadores da Capitania de São José do Rio Negro, erguendo palácios, fábricas e quartéis, num grandioso sonho de prosperidade e de fôrça para a terra ilimitada que governavam e defendiam — convictos de que aquela soberba Mariuá, à margem da negra caudal, seria a célula de tôda a civilisação da bacia amazônica.

Mariuá, porém, longínqua, estéril, insalubre, teria de desaparecer. E ficaram na terra abandonada os cadáveres de Tinoco Valente e Lobo de Almada, os mais ardentes sonhadores da grandeza do Amazonas.

Desde os alcantis graníticos de Cucuí (aonde, aliás, — dizem os velhos habitantes do rio — nunca foram os desterrados de Floriano Peixoto) às formosas colinas do Lugar da Barra — a esplendente Manáus contemporânea — a sua gleba sentiu o passado inquieto dos primeiros povoadores. Soldados, missionários, degredados, aventureiros de tôdas as nações, perlustraram o rio escuro, internaram-se pelos seus afluentes, palmilharam serras, planaltos e várzeas, mataram ou catequisaram selvagens, atravessaram florestas, perderam-se nas brenhas ignotas da Colômbia e da Venezuela.

A imaginação de tôda essa pleiade de violadores deveria estar cheia de miragens fabulosas, de visões inauditas, de intolerável impaciência, — de tudo o que ouvira nas longas viagens, ora no Atlântico a bordo dos veleiros antigos, ora nas próprias águas do Amazonas.

Vinham todos tomados de um prévio deslumbramento que logo os entontecia ao verem a imponência das florestas e das águas, e ao ouvirem as lendas colhidas nos terreiros das Malócas de índios mansos, onde os Pagés narravam histórias espantosas e davam roteiros para as cidades de ouro perdidas pelo vale.

Orquídeas

A certeza do prêmio ao labor sobrehumano; o súbito aparecimento da *Manôa* dourada faiscando ao sol; a evidência das serranias que deviam guardar nas entranhas todo o ouro da terra; a água dos paranás e dos rios lavando esmeraldas e diamantes; as fábulas magníficas de Orellana, Pizarro, Almagro e Ursúa, correndo por tôda a planície, desde a cordilheira dos Andes até à fóz do *Mar Dulce* — davam aos forasteiros perturbados essa extrema intrepidez que ainda hoje assombra os historiadores.

* * *

Os bandeirantes do sul rasgavam longas veredas que os levavam ao seio das matas impérvias, ao ápice das serras desconhecidas, aos rios ainda sem nome — e as cênas de bravura e sacrifício abarrotam por aí pesados volumes de comovedora literatura. Mas, geralmente, os bandeirantes partiam em grupos numerosos, em aparelhadas *monções*, organizadas e armadas, instruidas, sob o comando de chefes experientes. E os louvores a êsses pioneiros rebôam ha trezentos anos em vastos capítulos da nossa história.

Merecem-nos, não ha dúvida. Ao destemor ao sofrimento, à tenacidade dos antigos paulistas, deve o país essa homenagem.

Que se dirá, porém, da incrível ousadia dêsses homens que venciam as correntes do *Guainia* — nome indígena do Rio Negro — e desapareciam nas suas selvas rôtos, esfaimados, perdidos, sem companheiros, sem destino, sem recursos, caindo em frente às Malócas, tiritando nos acessos das maleitas, morrendo sob a palha dos *tapirís* ?

A que se pode comparar a audácia do Padre Samuel Fritz — o Apóstolo da Amazônia — levantando em 1769, a primeira carta geográfica do vale, através de peripécias que dariam verídicas tragédias, fundando para mais de trinta missões religiosas, percorrendo tôdas as regiões com uma sotâina esfarrapada e alpercatas de couro crú, seguido apenas por um índio que o adorava ?

Que coragem se poderia comparar à de Francisco Xavier de Morais, que em 1747 atravessava a teia de múltiplos cursos dágua do alto Rio Negro, e rompia o Cassiquiare, ignorando certamente que transpunha o *divortium aquarum* das bacias do Amazonas e do Orenoco ?

E à de Isidoro Ferreira, explorando sòzinho o Waupés, o Issana, o Tiquié, nas fronteiras da Venezuela, afrontando a indiada bravia ?

Mas seriam sem conta os fátos de autêntica temeridade dêsses exploradores do rio, desde êsse Fritz inegualável na sedução e na paciência com que arrebanhava os nativos, até êsses carmelitas que fundaram Mariuá, escolhida por Francisco Xavier de Mendonça Furtado, irmão do Marquês de Pombal, para sede da Capitania.

Todo o Rio Negro retém nas suas margens e nas margens dos seus grandes tributários uma longa, estrangulante história de heroismo, de suplícios, de maldades e de lendas.

As gentes do Orenoco espantaram-se diante de Xavier de Morais, porque julgavam que a terra do Guainia era povoada de monstros e gigantes, e nela tinham talvez nascido os estranhos mitos ameríndios: o *Mapinguari* devorador, o *Caapóra* malígno, a *Boiassú* insaciável, a *Boiúna* aterradora — tudo o que a imaginação alucinada criara em delírios de pesadêlo.

O Rio Negro, deserto, sombrio, *faminto* como todos os rios de águas escuras na Amazônia, doentio, triste, só poderia inspirar lendas sinistras.

Mariuá foi um êrro inexplicável dos primeiros Governadores; um século de retardamento para o Amazonas — e ninguém hoje acreditará que essa mísera Vila de Barcelos foi antigamente a poderosa metrópole da Capitania de São José do Rio Negro.

As suas terras sentiram também os passos dos grandes sábios que por elas se internaram: Bernardo Pereira de Berredo, o historiador inesquecível dos "*Anais Históricos*"; Alexandre Rodrigues Ferreira, autor de várias obras científicas e da "*Viagem filosófica pela Capitania de São José do Rio Negro*"; Alexandre de Humboldt e Bompland ("*Voyage aux Regions Equinoxiales*"); Johannes von Natherer ("*Diário de Viagens*"); e mais ainda em tempos mais próximos: William Edward, Wallace, Bates, Agassiz, Kock, Barbosa Rodrigues — tôda uma constelação de primeira grandeza.

E as suas árvores devem reter ainda, na tristeza das frondes e na rêde torturante das lianas, os soluços e as iras e as blasfêmias, dêsse homem de gênio, boêmio, cavalheiresco, transviado, ingênuo como uma criança, herói como um conviva da *Távola Redonda,* que foi Eustasio Rivera, transvasadas nas páginas doloridas de "*La Voragine*".

Floresta à margem do Rio Negro

Vegetação a mais de 2000 metros de altitude. Alto do Monte Roraima

Geografia Humana e Física do Amazonas

(ESBOÇO DE ENSAIO)

PETRARCA MARANHÃO

Se ha terra que tenha inspirado entre nós um mundo de sugestões e impressionado a quantos entrem no seu conhecimento e vivam ao seu contacto, esta é, incontestàvelmente, o Amazonas.

A pletóra de reservas e de revelações que apresenta a quantos por aquela região se interessem, — eis o motivo dessa sedução incoercível.

De fáto, os navios que levam ao Amazonas, viajam permanentemente repletos de estrangeiros, — cientistas na sua grande maioria —, que vão especialmente encarar-lhe os mistérios sedutores, estudar-lhe a natureza estupenda e apreender algo de novo e de útil para o resto do mundo já tão trabalhado e absorvido.

E não é simples literatura essa assertiva.

O Amazonas hoje, é ainda o maior *leitmotiv* das preocupações de todos os ensaistas e estudiosos, e está na preferência de tôda uma bôa classe de escritores.

Sem falar na sua esplendorosa grandeza natural, já por demais cantada e apoteosada, vou apreciar em traços largos, a alma de sua gente, — o *espírito amazônico*.

De uma feição caracterìsticamente altruista

e altiva, é o espírito do amazonense; e um *elan* sempre em suspensão crescente pelo *ideal e pelas grandes causas* remata a *performance* do seu retrato.

. . . Talvez que êsse seu espírito seja o próprio espêlho da sugestão de sua própria natureza ambiente. . .

E o mais, são as suas notórias qualidades de pujança, energia, fôrça de vontade, brilho de inteligência e *valor moral.*

Não é exagêro. Nem simpatia atávica.

É, sim, a mais absoluta realidade.

E basta para a comprovação destas palavras, relancear-se a vista para o seu próprio passado, presente e para o que promete para o futuro.

Quanto ao passado, uma História luminosa e irradiante: no Direito, na Política, no campo das realizações, nos fastos da inteligência. Nomes ? Ei-los comprovando as afirmações: um HELIODORO BALBI, um EDUARDO RIBEIRO, um ALVARO MAIA, um MONTEIRO DE SOUZA, um JOSÉ TAVARES e um LEOPOLDO DA CUNHA MELO, um barão de SANTANA NERI, um LAURO BITENCOURT, ilustre pensador e engenheiro civil, construtor da cidade de Manáus; um JORGE DE MORAES, médico de valor, um VICENTE TELES, grande humanista e matemático, um WALDEMAR PEDROSA, jurista ilustre, e um major GABRIEL, que foi presidente da Província do Amazonas, — salvando-se as omissões desculpáveis.

A Justiça amazonense é das que de melhor conceito gozam na República, pelos nomes que têm por ela passado e construiram o seu prestígio. Basta para isso, citar-se o nome excepcional do Juiz FRANCISCO TAVARES DA CUNHA MELO.

Têm escrito brilhantemente sôbre o Amazonas, até hoje, entre nós, EUCLIDES DA CUNHA na sua "À margem da História"; FERREIRA DE CASTRO, no seu bélo livro "A Selva"; ALBERTO RANGEL, no seu "Inferno Verde"; RAIMUNDO DE MORAES, em seus volumes admiráveis sôbre sua terra; ALVARO MAIA, PEREGRINO JUNIOR em interessantes romances como "Pussanga" e "Matupá", sôbre motivos amazônicos, detidamente do Pará; PÉRICLES DE MORAES, ARAUJO LIMA, PAULO BENTES, ALFREDO LADISLAU, ARTUR REIS, na sua notável "História do Amazonas"; ADRIANO JORGE, AURÉLIO PINHEIRO em sua "Gleba tumultuária"; a senhorita VIOLETA BRANCA em suas poesias, e, por último, o sr. VIANA MOOG, gaúcho, o sr. FRANCISCO GALVÃO, amazonense, jornalista no Rio de Janeiro, que publicou o seu romance social do Amazonas — "Terra de ninguém", e os srs. RAMAIANA DE CHEVALIER, autor do livro "No circo sem teto da Amazônia", ABGUAR BASTOS, OTÁVIO TAVARES e ADONAI DE MEDEIROS. Sem esquecer o notável pintor que é o sr. MANOEL SANTIAGO, também amazonense.

Isso, sem citar os autores estrangeiros que têm escrito notáveis obras e estudos sôbre o antes *Paraiso* que *Inferno*. . . Verde, como HUMBOLDT, ALFRED RUSSELL WALLACE e outros.

Quanto à poesia, nem é bom fazer referência, uma vez que a maior poesia sôbre o Amazonas, foi feita pelo próprio Deus que o criou magnìficamente, — alcandorado no extremo norte do Brasil, sôbre quem se pode certamente assegurar que na sua configuração física ha *Dedo de Deus,* bastando, para se obter a comprovação disso, se ir à Teresópolis, no Estado do Rio de Janeiro. . .

A cidade de Manáus foi uma das pioneiras do progresso industrial brasileiro.

As palavras essencialmente características à pintura literária do Amazonas, são *Glória* e *Beleza.*

Sim ! Glória — por sua gente forte nos seus homens e grandiloquente na sua História; e pela grande marcha ascencional do seu progresso !

E Beleza por suas mulheres, — Iáras plenas de encanto e graça majestática. . . refletindo nos olhos negros e nas faces morenas, as nuances esplendentes do seu céu, e o negror espelhante do seu rio !. . .

Percy Lau - Trecho de rio

Impressões da Amazônia

EZEQUIEL PADILHA, *Ex-Chanceler do México.*

"Contemplei pela primeira vez o imponente panorâma do Delta Amazônico como se fizesse parte do setor dos deuses olímpicos, assistindo aquela rutilante e maravilhosa cosmogenía.

Ao descer em Belém, do gigantesco "clipper" que nos conduziu à América do Sul, sabia que não só estava na desembocadura do mais caudaloso rio do mundo, mas também no laboratório mais majestoso que possa existir sôbre a terra, de tôdas as fôrças da criação.

No dia seguinte era a selva. O Brasil é cinquenta por cento selva escura e virgem.

Do avião podíamos contemplar a única batalha visível daquela altura sôbre aquêles vaporisantes campos de inundação: a batalha da árvore para sair para o ar e para a luz. Um mundo estremecido pelo fragor da germinação...

Si eu vivesse mil anos, perduraria em mim a lembrança dêsse episódio, com tôda sua fôrça e sua beleza primitiva".

A Catedral de Belém

PAULO BENTES

Belém do Pará, foi, em tôdas as fases da sua história — desde a sua própria fundação, em 1616, por Francisco Caldeira Castelo Branco, até nossos dias — uma das cidades brasileiras onde o espírito religioso de seu povo evidenciou-se de maneira mais positiva e mais firme.

Ao mais ligeiro golpe de vista à fisiografia da cidade, que se debruça às margens do Guamá — cidade que tem sido chamada, com bastante propriedade, de PORTA DO ELDORADO — isso se verifica pelos pontos de referência que são as torres das suas igrejas, verdadeiros marcos de fé, plantados aquí e acolá, como braços levantados na direção de Deus.

Houve época, em que a autoridade dos religiosos penetrava até mesmo no campo das atribuições governamentais.

Quando Vieira, o grande jesuita que desfrutando do mais largo prestígio na Côrte portuguêsa, aí viveu, quasi nada se fazia sem a sua audiência.

Dispunha êle livremente, sôbre a população indígena, sôbre as "entradas" para o sertão, sôbre a escolha dos lugares mais apropriados ao estabelecimento de "Missões" e à construção de igrejas. Em tudo amparado por ordens do Rei.

Independente disso, no próprio espírito da população paraense, existiu sempre, bem forte, o traço da fé e do culto católico.

Santa Maria de Belém do Grão-Pará, assim atravessou o período Colonial, o Imperial, e atravessa o período Republicano.

Suas festas religiosas foram, com o tempo, adquirindo a fôrça e o prestígio da tradição e, a de Nazaré, por exemplo, chega a atrair à Capital, no mês de outubro de cada ano, não sòmente a grande maioria da população do Estado, como também forasteiros de outros lugares, curiosos muitas vêzes da festa *sui generis,* devotos, outras, em busca de milagres ou para trazer graças à Virgem, por algum já obtido.

Seu passado histórico está cheio de grandes figuras de religiosos: D. Romualdo Antônio de Seixas, Batista Campos, D. Antônio de Macedo Costa (cujo prestígio e valor foram tão altos que, ao sofrer a injustiça de uma condenação política, chegou a abalar os alicerces do Império), D. Frei Caetano Brandão e, em nossos dias,

Bt. Mário Ypiranga Monteiro
Manaus Amazonas

Bt. Mário Ypiranga Monteiro
Manaus Amazonas

D. João Irenêo Joffily, grande orador sacro, e D. Jaime de Barros Câmara, que do Arcebispado do Pará ascendeu às glórias do Cardinalato e ao Arcebispado do Rio de Janeiro.

Belém, é, em suma, profundamente religiosa, mas, falemos das suas igrejas...

A capital paraense, como as cidades de Salvador, na Baía, e Ouro Preto, no Estado de Minas Gerais, é, em nosso país, das que possuem mais bélas e imponentes igrejas. Monumentos de arte arquitetônica e pictórica à altura de qualquer grande centro da Europa ou da América — dêsses que tem atraído, através dos tempos, a curiosidade dos turistas e das pessôas de bom gôsto.

A Basílica de Nossa Senhora de Nazaré, as igrejas de Santo Alexandre, do Carmo, das Mercês, a Catedral, são verdadeiras obras de arte, concorrendo para atestar a grandiosidade do trabalho humano, o apuro do bélo e do superior, o que existiu e existe de mais alto no espírito amazônico, que soube criar a sua civilização, dentro da floresta, para equipará-la às mais requintadas de qualquer Continente.

"O Pará, na hierarquia social brasileira é uma Província de primeira ordem — dissera certa vez um seu Governante — mas a outros respeitos considerada, ela é a primeira do Império, por sua vasta extensão territorial, por sua especialidade geológica e fluvial, por sua prodigiosa riqueza vegetal e animal, pelos infinitos, exquisitos, variados e preciosos produtos que espontâneamente surgem à porfia do seu fertilíssimo sólo".

"Neste abençoado país, a natureza faz tudo, e o homem só tem o trabalho da escolha. E, pois, senhores, a capital desta grande Província deve preparar-se para vir a ser um dia, em opulência e grandeza, a primeira cidade do Norte, como já o é geogràficamente; mas, para vir a ser opulenta e grande, *não basta só a riqueza natural; a natureza produz mas não edifica; esta tarefa pertence ás artes e ao engenho humano; e, uma grande cidade se reconhece à primeira vista pelos seus monumentos, pelas suas obras, pela sua arquitetura e pelas suas construções públicas e particulares*".

Assim foi sempre, em tôdas as épocas, o espírito amazônico... Desde o tempo Colonial o espírito era o mesmo.

O atual Palácio do Govêrno, majestoso e de linhas clássicas, como bem observou Alfred Marc em seu livro "LE BRÉSIL — Excursion a travers ses 20 Provinces", "foi construido sob as ordens do Marquês de Pombal, que desde o século XVIII aí vinha tentando fazer uma residência real..."

A construção e a remodelação das igrejas não fugiu a êsse alto espírito artístico. E, assim, através do tempo, despertaram a atenção de quantos passaram pela região.

Wallace, que não fôra dos mais entusiastas, dentre os estrangeiros que visitaram a Amazônia, dissera em seu grande livro: "o aspecto da cidade, vista do rio, que é o melhor ponto de observação, não é mais extranho que o de Calais ou de Boulogne.

As casas em geral são pintadas de branco, destacando-se dentre elas algumas igrejas e vários edifícios públicos notáveis, com as suas altas torres e cúpolas".

E, mais adiante:

"A cidade espalha-se sôbre uma planície muito extensa. As igrejas e os edifícios públicos são vistosos; as ruas e praças públicas são pitorescas, quer por causa das bonitas casas e igrejas que as contornam, quer por causa das elegantes palmeiras que, juntamente com as bananeiras, se encontram por tôda parte".

Outros ainda falaram, vendo as torres das igrejas de Belém, quasi como símbolos do espírito do povo.

Daniel P. Kidder, descrevendo suas impressões da cidade, vista pela primeira vez, dissera: "As torres da Catedral, do Palácio e de várias igrejas, eram visíveis distintamente à luz do luar..."

*

Evocar a cidade de Belém é evocar as suas igrejas, com as suas torres altas, imponentes, procurando o céu.

Nazaré. Carmo. Mercês. Santo Alexandre. Catedral...

← *Nave da Catedral de Belém*

tar-mór da Catedral
Belém

Essa última, consagrada à Virgem Maria, sob a invocação de N. S. da Graça, foi mandada erigir por D. João V, Rei de Portugal, a 4 de março de 1719, porém, sòmente a 3 de maio de 1748 foi lançada sua primeira pedra.

A consignação do Rei para essa obra, e as do Palácio Episcopal e do Seminário, fôra de 60.000 cruzados.

Sua construção arrastou-se durante sete anos. Assim, sòmente a 23 de dezembro de 1755, foi solenemente inaugurada pelo Bispo D. Frei Guilherme de São José.

* * *

Cento e trinta e dois anos mais tarde, D. Antônio de Macedo Costa mandou restaurá-la. Isso entre 1887 e 1892.

Encarregaram-se dessa restauração, duas das maiores expressões artísticas do Velho Mundo: DE ANGELIS e CAPRANESI — aquêles mesmos que fizeram a decoração do Teatro Amazonas ,em Manáus ,e foram dos nomes mais altos da Arte contemporânea.

A Catedral de Belém é, incontestàvelmente, um dos mais bélos templos do Brasil, bem podendo igualar-se aos mais ricos e imponentes de qualquer país do Mundo.

Meditação

Ao velho campanário da Sé
de Belém do Pará.

Quando tanges dolente a matinas tocando,
Minh'alma, um val de dôr, com o teu carpir ,anseia,
Fita os olhos no céu exul da terra e, cheia
Do teu dobre plangente, ajoelha-se rezando...

Morre o dia, e da noite a treva, desfraldando
O véu monumental das sombras, tudo afeia.
O sól rubro, a morrer no Ocaso o fogo ateia,
E ateiam-se em meu peito as saudades em bando.

Ouvindo-te vibrar sôbre a torre vetusta,
Que a patina do tempo fez terrosa e adusta,
No passado me quedo a pensar solitário...

E recordo que vens, desde remotos anos,
Com teu dobre a pungir os corações humanos,
Que escalam desta vida o sangrento Calvário.

JOÃO DE ALBUQUERQUE MARANHÃO.

A Xiborena

Reportagem evocativa
de ALVES DE MENEZES

Porto de Manáus.

9 horas da manhã.

No quadro negro da baía a *Xiborena* desenha circunferências e linhas mixtas, esquentando os cilindros para a viagem cotidiana.

De braço dado ao *Cambixe*, seu velho e inseparável companheiro, — batelão gordo, bojudo, eventrado, chanfrado à prôa e à ré, com os porões abarrotados de bagagens e o convés fervilhante de passageiros — ela bordeja à flôr das águas, aguardando o momento da partida.

Atrás, longa, móvel, retorcida pelo banzeiro ou pelo vento, a "fieira" comprida do rebóque, como a cauda de enorme escorpião.

De quando em quando, dois, três apitos, breves, sucessivos, estridentes, saltam-lhe do bueiro fumegante. São os brados de — venham logo ! — mandados para os passageiros retardatários. Êstes, em catrais tiradas a dois remos, carregados de malas e de embrulhos, largam-se, às pressas, da rampa do Mercado, fazendo sináis angustiosos, pedindo esperar um pouco.

Na roda do leme, olhando a agitação impaciente dos lenços, o comandante sorrí, e, só para aperrear, puxa a corda do apito outra vez . . .

Enquanto isso, num esgrimir de prôas e de pôpas, pequenas embarcações volteiam o batelão. São as canôas de gengibirra, de pães de chifre, de brôas frescas, de mel de cana, cheias de tripulantes estrepitosos ,a despertarem a gulodice dos passageiros com seus pregões entoados e chistosos:

— *"Olha aquí a gengibirra*
tá travando de azedinha !"

— *"Comprem brôas que são bôas !"*

— *"Olhem os chifres do padeiro !"*

*

Embora cercada por uma floresta que é um verdadeiro jardim de Hespérides, Manáus não se abastece a si própria.

Ao contrário de outras cidades, em cujos subúrbios ou zonas rurais adjacentes possuem suas granjas, suas hortas, seus pomares, o friso periférico da linda capital amazonense confina abruptamente com o massiço da mata, sem qualquer faixa intermediária de terreno cultivado.

Daí, tudo lhe vir de fóra.

É do *Lago Preto*, dos *Autazes*, do *Curarí*, da *Terra Nova*, do *Careiro*, pequenos povoados ribeirinhos, situados a algumas horas de viagem fluvial, que se canalizam para o mercado amazonense desde o tomate, a laranja, o melão, a melancia ,o cará, o feijão, a batata doce, o milho, até o leite, o queijo, a farinha, a manteiga, os ovos, os peixes, as verduras, etc.

Para a condução dêsses gêneros existem as chamadas *lanchas da linha*.

. . São velhas e fortes embarcações, de pequeno calado, possantes máquinas instaladas à meia-náu, uma chaminé, um grande mastro dianteiro e outro, menor, à pôpa, onde, aos domingos e dias feriados, drapeja o pavilhão nacional, como um grande pássaro de penas auri-verdes. Por serem, em geral, pequenas, sem outras proporções senão as estritamente necessárias à acomo-

dação da casa do leme, do camarote do comandante, do conjunto das máquinas e da cabine de ré, andam sempre acompanhadas de grandes batelões, numa xipofagia interessante. Com êsse apêndice lateral somam a tonelagem suficiente para o volume de carga que conduzem.

Assim partem elas, tôdas as manhãs, do porto de Manáus, cheias de fazendeiros e agricultores, em demanda daquêles vilarejos. À noite, carregadas dos produtos da terra, com um ar de cansaço a transparecer-lhes da marcha vagarosa, com a linha dágua submersa e a mareta a saltar-lhes pelo convés, tal o excesso de pêso, regressam ao ponto de partida, no trabalho altruístico de abastecer a cidade.

A *Xiborena* é uma dessas lanchas.

*

Ei-la, agora, a todo o vapor das máquinas, a prôa enterrada nágua, o novêlo de fumo sôlto ao vento, singrando o caudal de ébano.

"Ponta Pelada", "Casa Branca", "Xiborena", primeiros portos de parada, vão ficando na esteira efervescente. Manáus, no fundo da distância, é um diluir de prédios e zimbórios.

Momentos mais e está além do "Catalão", depois de passar pelo *encontro das águas,* onde o Rio Negro e o Solimões se defrontam, num duelo de ondas louras e morenas. Daí por diante a viagem se torna mais pitoresca.

De um lado, o rio, largo, imenso, caudaloso, rolando as ondas mansas e barrentas; o giro centrípeto dos redemoinhos furando as águas como púas invisíveis; a procissão verde e vagarosa dos balseiros, descendo, colorida, rio a baixo... Entre êsses, de instante em instante, pulam peixes de escamas luminosas, boiam bôtos de lombos luzidios.

Do outro, num desfile atraente e multicor, as margens vão passando, vão passando, exibindo um cenário variado de fazendas bucólicas, de louros milharais empenachados, de sombrios massiços de floresta.

Todo aquêle mundo de verdura e de beleza parece acordar ao batuque das máquinas possantes. Os anuns e os socós nas canaranas, os curumins no alpendre das tapéras, os cães no cocoruto dos barrancos, tudo canta, tudo corre, tudo grita, saudando a embarcação que vai passando.

*

No salão largo do batelão os passageiros se distribuem nas mais diversas atitudes. Uns, deitados em rêdes, dormem serenamente, ao sôpro do vento tépido que perpassa. Outros, jogam gamão, dama ou baralho. Outros, ainda, debruçados no gradil do convés, apreciam a paisagem sedutora.

Súbito, vindo da pôpa, um grito imperativo ecôa por tôda a lancha:

— "Páaara !!!"

Como quem recúa bruscamente ante a evidência de um perigo iminente, as máquinas estancam. Um estremeção sacode os barcos de pôpa à prôa. Rangem as cordas que os enlaçam. Os passageiros correm, curiosos. No talhamar morre o ruído das águas.

— "Qui fui qui huve ? !"

— "Quebrou o cabo do rebóque !"

De fáto, amputada pela fôrça da correnteza, lá se vai, de bubuia, a tênia flutuante de canôas. Seguem-se as manobras para nova amarração. Numa curva cuidadosa a lancha contorna a cauda fugidia. Ha esforços de aproximação, de ambos os lados. Por fim, se encontram e, feita a *pegada,* a viagem continúa. Para *tirar a atraso,* devido a interrupção acidental, a lancha *puxa* tudo quanto póde. Sente-se a pressa no rítmo célere dos pistões, na trepidação que estremece

as obras mortas, nas baforadas grossas de fumaça que riscam espirais negras na lousa azulada do céu.

De repente, um apito rebôa na amplidão.

É a bôca do Careiro que aparece, com o sorriso de sua praia coalhada de gaivotas ariscas, com as casinhas da Colônia dos Pescadores cheias de gente às janelas, com as águas grossas do rio brincando de roda no rodopio dos rebôjos.

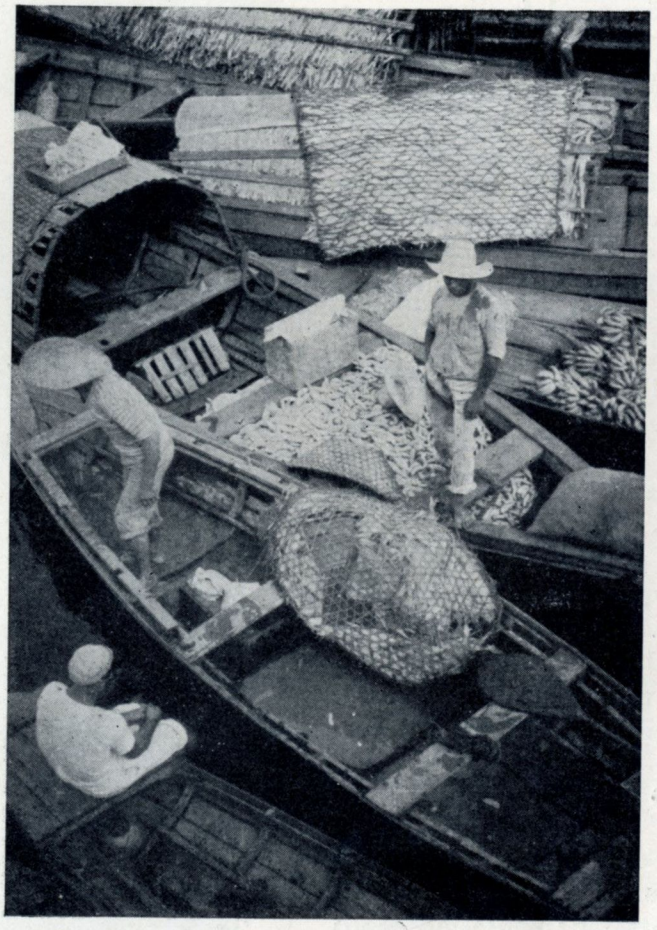
Começam aí as paradas sucessivas para a descarga de bagagens, para a entrega de encomendas, para o desembarque de passageiros. À proporção que a lancha vai descaindo no dorso crespo das águas, os apitos se reproduzem, pedindo canôa. Uma a uma, vão surgindo as fazendas, com seus chalés de madeira caiados, seus canteiros floridos, seus banheiros de palha, seus capinzais verdoengos, salpicados de cabeças de gado, umas pastando, outras ruminando, sonolentas, à sombra das cuieiras carregadas. Amotinados no barranco de seus sítios, os moradores aguardam as notícias, as novidades, os jornais da manhã. Um tatalar de lenços e um abanar de braços vem de tôdas as portas e de tôdas as janelas. Uma aquí, outra alí, outra acolá, as canôas do rebóque vão ficando, cada uma seguindo o seu destino. "Seu" David, "seu" Enéas, "seu" Yoyô, dr. Aprígio, cada qual vai descendo no seu porto, rumo às suas vivendas aprazíveis.

E assim, daquêle monstro fumacento que ha pouco demandara a bôca do paranã, restam, agora, quasi vasios, a lancha e o batelão, puxando o côto insignificante de duas ou três igarités que se destinam ao fim da linha.

*

Quando a noite sem lua já vai alta e só os pios dos pássaros noturnos e os uivos dos cães, distante ,dão um sinal de vida àquêles êrmos, triste, longínquo, saudoso, um apito se escuta, quebrando o silêncio negro.

É a *Xiborena* que vem voltando, rasgando as águas e furando a treva, sob a chuva de fogo das faiscas. . .



Uma praia da Baixo-Amazonas

Pratos Amazônicos

MIXÍRA — Chama-se à conserva do peixe-boi, em sua própria gordura. O peixe-boi é um grande cetáceo dos rios amazônicos, de carne branca e bastante superior.

A *mixíra* é preparada, preliminarmnete, fritando-se na própria gordura do referido peixe os pedaços de carne a conservar; em seguida, deixando-se esfriar, para depois, então, colocar em latas de folha de Flandres, que, cheias de gordura, são rigorosamente fechadas. Todos os pedaços da carne, colocados dentro das latas, devem ficar absolutamente envolvidos pela banha fria do próprio peixe. Essa banha, bastante compacta, isola do ar a carne a conservar. Seu sabôr é agradabilíssimo. Come-se com farinha dágua e é de grande duração.

É indústria bem desenvolvida em certas zonas dos rios Purús e Solimões.

Por falta de proteção aos rebanhos e pela exploração desordenada, o peixe-boi não existe hoje em grandes quantidades.

Nos tempos coloniais, sua abundância era tamanha que dava para carregar os navios holandeses que procuravam o baixo Amazonas.

Faz-se *mixíra* de peixe-boi, de tartaruga, e de peixes outros, como o tambaquí, a pirapitinga, etc.

* *

MUJANGUÊ — É um dos alimentos mais substanciais da gente que habita o interior amazônico. É a mistura de ovos crús de tartaruga, de tracajá ou de gaivota, com açúcar e farinha dágua bem torrada. Não exige demora em seu preparo, não vai ao fogo, é saboroso e prático, principalmente para os viajantes dos rios na época das vazantes, pois apenas terão de apanhar os ovos nas praias, e sem grande trabalho preparar a refeição.

O frio na Amazônia

A planície amazônica jamais esgotará o manancial de surpresas maravilhosas que possue para o viajante. Região imensa, cortada ao meio pelo traço quente do equador, dir-se-ia condenada ao verão eterno produzido e alimentado pela inclemência do sol. Entretanto, a natureza não quís que a população que alí nasceu e que talvez nunca dalí se possa afastar, desconheça outra temperatura além da que castiga a zona, tórrida e implacável, durante tôdas as estações. E daí oferecer-lhe oportunidade de ter, uma vez por ano, uma noção da temperatura baixa, com a quéda do termômetro e a delícia da "friagem", que sobrevêm, ora mais forte, ora mais fraca, em tôda a região, entre os meses de maio e agôsto.

Ha quem atribua o fenômeno ao degêlo dos Andes; mas essa explicação não resiste à menor análise.

Raimundo de Morais, o escritor erudíto, que viveu o melhor de sua vida cruzando o emaranhado dos rios e igarapés que formam o assombro da bacia amazônica, explica o curioso fenômeno como resultado da inversão das correntes aéreas. Os ventos é que perturbam a regularidade atmosférica. Quando as correntes aéreas sopram de cima para baixo, fazem baixar a temperatura de 30 gráus sucessivamente para 25°, 20°, 18°, 15° e 10° ,conforme a região.

Geralmente a "friagem" tem início em maio, inesperadamente, e sobrevêm ao esplendor de um dia glorioso de sol e de transparência. O céu escurece, as nuvens sobem, cinzentas, e o vento surge, forte, assoviando. Às vêzes chove, às vêzes não. E a "friagem", como uma coisa visível, vem se aproximando, levando a temperatura de vencida, e estabelecendo uma luta entre a corrente baixa e fria que se dirige rumo da quente, e esta, mais alta, que investe contra a outra, abrandando o clima impiedoso.

Nêsse momento, ha como que uma surpresa brusca em tudo. As populações, habituadas ao calor permanente dos trópicos, encolhe-se e agasalha-se nos próprios algodões de todo o dia. E féras, e aves, e caças, e pássaros, tudo sofre as consequências da mudança imprevista, que, pela fôrça do contraste inesperado, lembraria a Sibéria aos que conhecessem os gêlos do país dos invernos inclementes.

Quantos animais perecem na floresta, nos seringais, nas fazendas? Quantos milhões de peixes aparecem boiando sôbre as águas dos lagos gelados? Quantas plantas sucumbem à brutalidade daquela mudança de temperatura?

É o momento em que as fogueiras se acendem perto das casas, cabanas e tapéras, onde dormem as populações nas rêdes frescas. E todos tiritam, como se a atmosfera estivesse deixando cair neve na floresta, nas roças, nos caminhos. Mas o fenômeno, que dura dois ou três dias, passa, afinal, deixando homens ,mulheres e crianças, sofrendo, muitas vêzes as consequências dessas mudanças bruscas de temperatura.

É êsse o fenômeno amosférico à que se dá o nome de "friagem" na Amazônia.

Navio "gaiola"

Sertanejos no Acre

Crônica de JOSÉ POTYGUARA

Diz-se, com razão, que o Território do Acre é uma colônia cearense. De fáto, setenta por cento da população acreana se compõe de autênticos descendentes da "Terra Martir". Alí, regra geral, quem não é do Ceará é filho ou neto de cearense. Nas exceções sobrepujam, ainda, os nordestinos: piauienses, paraibanos, pernambucanos, riograndenses-do-norte.

Foi nas plagas comburidas do nordeste brasileiro que nasceram os heróicos desbravadores dos seringais. E muito antes da campanha militar chefiada por Plácido de Castro, já a selva acreana era habitada pelos filhos do sertão.

Cada sêca retira, ou, melhor, arranca do Ceará milhares de emigrantes. *Arranca* é bem o termo, porque o cearense só abandona sua terra à fôrça, empurrado pela necessidade. Ninguém ama o torrão natal mais do que êle.

Condenado, desde o berço, a indefesa vítima das influências telúricas, vivendo à mercê dos caprichos da natureza madrasta, o cearense é um resignado com o próprio destino: emigrar. A custo de tanto sofrer, já se acostumou, e ainda filosófa que *"desgraça pouca é bobage"*.

*

* *

Dezembro. Fim de verão. Passam-se os dias, vem Natal, vem Ano Bom, vem Reis... nada de chuva.

Aproxima-se o fim de janeiro... a chuva não vem. O sertanejo começa a ficar apreensivo; o gado começa a emagrecer; os mantimentos escasseiam.

Fevereiro já está do meio p'r'o fim e o céu continúa limpo, azulado, sem nuvens.

Uma tarde, o filho mais velho vai dar de beber ao gado e volta com a desalentadora notícia de que a cacimba está sêca.

Começa a luta pela água. Todo o sertão ardendo qual imenso braseiro; o gado urrando tristemente, de fome e de sêde; gargantas ressequidas, olhos sem lágrimas voltados para o céu impiedoso; fazendas abandonadas, currais vasios, estradas cinzentas de pó.

Dezoito meses sem uma gôta de chuva...

Esgotados todos os recursos, mortas as últimas esperanças, acossado pelas necessidades, vencido pelo destino, o sertanejo resolve abandonar a casinha, o pedacinho de terra que o viu nascer. Parte porque não é mais possível ficar. Emigra para longe; vai procurar os cafezais do sul ou os seringais do extremo norte. Mas, onde quer que esteja, não esquece a terra natal, não o abandona a saudade do sertão longinquo.

Muitos morrem por lá. Outros resistem ao longo exílio no centro dos seringais e se contentam com a auto-ilusão de um sonhado regresso, sempre adiado para o fim do ano... que vem.

São assim os seringueiros: raça de titãs em constante luta contra a natureza, qual Fênix lendária ressurgem, cada vez mais fortes, das cinzas do sertão queimado pelo sol nordestino, e vão realizar prodígios, desbravando a selva amazônica, transformados em audazes "amansadores de desertos".

*

* *

Porto de um seringal no rio Tarauacá.

Com os porões abarrotados de borracha, um "gaiola" levanta âncora e manobra lentamente, afastando-se do trapiche.

De pé no barranco, um homem olha o navio que se vai. Baixo, musculoso, cabeça chata, fisionomia franca no rosto bronzeado ,não pode negar sua origem: um dos muitos cearenses despejados naquêle barranco, dois dias antes, pelo navio que viera de Belém. A expressão triste do olhar denuncia o sofrimento que lhe tortura a alma. Até aquêle momento, distraído pelo borborinho do trabalho de carga e descarga, tudo lhe parecia bem, tudo era novidade. Mas, agora, êle cai na realidade e começa a refletir: O "gaiola" que o trouxera voltava, deixando-o sòzinho, como que expatriado naquela terra selvagem e misteriosa, sem saber até quando. Sim, — quando poderá regressar?...

Nisto, o gerente do seringal, ao passar por êle, voltando de bordo, lhe diz:

— Venha separar o seu aviamento. Além do rancho, dos utensílios e da espingarda, acho prudente levar um bom mosquiteiro.

— P'ra quê mosquiteiro? — pergunta o recemchegado.

O gerente, um rapaz amazonense, alegre e conversador, informa:

— Aquí tem carapanã como diabo! Dormir sem mosquiteiro, a sezão bate na certa. Cuidado!

Num dar-de-ombros desdenhoso, o *brabo* responde:

— Não tenho medo.

E o outro, com ironia:

— Você sabe lá o que é sezão! Quando bate a febre, o camarada treme de frio, fica molengo, covarde que nem bode dentro dágua! Tá pensando que é brinquedo?

Sempre sério, a cabeça baixa, o olhar parado, o cearense reafirma com convicção:

— Não tenho medo, já disse. Só existe uma coisa que talvez me mate mais depressa do que a maleita: é a saudade do meu sertão!

Numa gargalhada, o gerente duvida:

— Tolice! Saudade não mata ninguém.

— Não mata? Uma saudade danada; uma saudade que dói dentro, cutucando o coração da gente!...

A voz do sertanejo começa a ficar trêmula de comoção, mas o gerente finge não perceber e insiste:

— Mas, o sertão é tão ingrato: de quando em vez, vem a sêca e mata tudo de fome e de sêde. De que é que você tem saudade?

E o cearense desabafa de um fôlego:

— Tenho saudade de tudo: da terra, do gado, do curral, do roçado, dos bodes, das criações... saudade do abôio triste dos vaqueiros; do desafio dos cantadores; do chôro das violas, soluçando em noite de lua... saudade até do sol, daquêle sol de rachar, daquêle sol malvado que séca a água das lagôas, só p'ra experimentar até onde vai a paciência e a coragem do sertanejo!

— Mas, você, que gosta tanto do sertão, por que veio p'ra cá ? — pergunta o gerente.

E o cabôclo responde tristemente:

— Nem sei mesmo. A sina do nordestino é sofrer ! O inverno por lá está escasso... A sêca expulsa a gente p'ra longe. Que se há de fazer ?

Faz pequena pausa e prossegue resoluto:

— Mas, eu volto, querendo Deus ! Ah! volto, sim ! É só saber que está chovendo no Ceará, vou m'embora ! Si vier outra sêca... paciência.

E conclue com um sorriso de confirmação:

— Sabe, moço , O apêgo do cearense ao sertão é mesmo que amôr de mulher que apanha do marido: abandona a casa, chorando, se lastimando. No dia seguinte, a saudade aperta e a coitada volta, embora saiba que vai apanhar de novo.

*

* *

Um apito longo, saudoso, corta o espaço e o "gaiola" desaparece na curva do rio...

★

Monte Roraima — Observe-se o trabalho do vento no arenito

Aspectos sociais da Amazônia

A CONQUISTA DA TERRA

"Antes, a terra era grande, a gente diminuta, e esta contentava-se de pouco. Depois, chegara o "cearense" em colunas tumultuárias de ocupação. Restringira-se a terra com o aumento da população extranha, e, o que se tornava mais grave, sobrevinda no plano exclusivo de ganhar dinheiro a rôdo.

Então, o drama humano se desenrolou no palco amazônico, criando situações peculiares a tais conjunturas. A ambição de cabeça de Medusa comandava as populações imigradas de cambulhada, cujos interêsses se conflagraram, desde logo, com os das nativas. De que uns vinham: — muitos, — e, outros já estavam: — poucos, — fez-se a oposição latente. O fáto é que aquêles se mostravam resolvidos a tudo. Excitavam-nos um acicate mais penetrante e ardente. Misérias insondáveis os impeliram à luta, enquanto que o cabôclo amolentado na Capua de águas piscosas e terras ferazes, não poderia sustentar o embate das legiões que traziam fome". —

Alberto Rangel ("Inferno Verde").

OURO NEGRO

"O preço crescente do "cautchú", a facilidade de deslocamento da população nordestina (em seguida à sêca de 1877), o acesso desimpedido da Amazônia, pelo grande rio aberto à navegação internacional, alardearam a maravilha, criaram a mística do "ouro negro", inventaram a "civilisação da goma elástica", réplica ao "rush" das minas, dos diamantes, do café, que tinham sido análogos ciclos de invasão sertaneja.

O cearense, que acóde ao Solimões, não sabe o que acontece nos centros industriais do mundo: as novas aplicações da borracha, a intervenção dela em mil utilidades, depois do sistema de vulcanização, de Goodyear... Vê a cotação subir, a despeito do aumento rápido de produção, do afluxo de seringueiros.

Dezenas de milhares investiram o Amazonas (60 mil em dez anos 1887) subiram-lhe os afluentes, entraram, em tropel os seringais, instalaram-se nessas florestas..." — *Pedro Calmon* - ("História Social do Brasil").

A lenda do Guaraná

ROBERVAL CARDOSO

Das tribos da Mundurucania, eram os mais prósperos os Maués. Venciam as guerras, as colheitas eram fartas, as pescas abundantes e as doenças raras.

Todo êsse bem estar, diziam êles, decorria da presença de certo curumim (menino) que há alguns anos nascera na tribo e, por isso, a atenção e cuidados que lhe dispensavam eram enormes; se ia à pesca, sua igarité era acompanhada de outras, com hábeis pescadores, que o desviavam das águas infestadas de piranhas, jacarés ou puraquês; se entravam na mata, mateiros experimentados o afastavam das castanheiras em safra ou dos ninhos de tucandeiras assanhadas.

Mas, um dia, a vigilância foi burlada... Jurupari, o gênio do mal, disfarçado em cascavel, feriu o curumim, num bote certeiro.

A tribo entrou em grandes lamentações e durante horas seguidas as preces e os gritos de desespêro se espalharam pelas florestas e águas negras do Maué-açú.

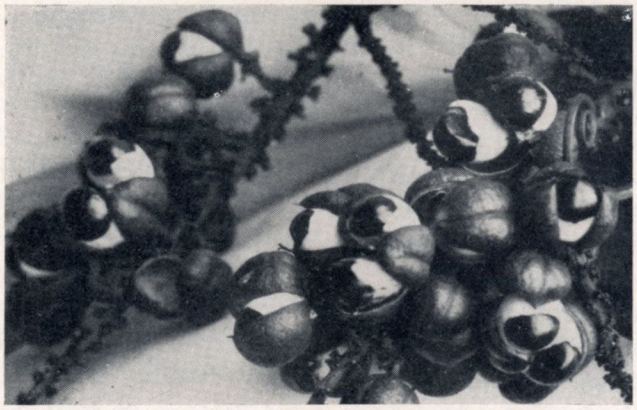
Tupã atendeu as lamentações e uma voz, que não se sabe de onde veio, determinou:

— Tirem os olhos da criança, plantem na "terra firme", réguem com lágrimas e dêles nascerá a "planta da vida", aquela que fortalecerá os jovens e revigorará os velhos...

Os pagés arrancaram e plantaram os olhos do curumim morto. Durante quatro luas, os guardas da preciosa sementeira velaram e regaram a terra com lágrimas.

Uma nova planta surgiu, travêssa como os curumins, procurando subir às árvores próximas, de hastes escuras e sulcadas como os músculos dos guerreiros. E quando frutificou, seus frutos de negro azeviche, envoltos no arilo branco e embutido em duas cápsulas vermelho-vivas, eram sem dúvida a multiplicação milagrosa dos olhos do príncipe Maué.

E ela realmente trouxe o progresso da tribo, pelo abundante comércio de seus grãos, e os sábios confirmaram a lenda — fortalece os fracos, conserva os jovens, rejuvenesce os velhos.



Frutos de "guaraná"

Vitoria Régia

o maior elogio de uma Rainha

Uma página de KIDDER e FLETCHER

DANIEL PARRISH KIDDER e *JAMES COOLEY FLETCHER*, foram dois missionários metodistas norte-americanos que, no século passado, visitaram a Amazônia.

O primeiro, de volta aos Estados Unidos publicou, sôbre o nosso país, um livro muito interessante sob o título : "Sketches of Residence and Travels in Brazil".

O segundo, chegado vários anos depois, constituiu largo círculo de relações na sociedade brasileira e entre os homens de cultura.

Dentre os seus grandes amigos destacava-se o próprio Imperador.

Foi Secretário da Legação Norte-Americana, estudioso da História Natural, e, em sua passagem pela Amazônia colheu farto material para estudos de ictiologia, que enviou ao sábio Luiz Agassiz para seus estudos.

De acôrdo com Daniel P. Kidder ,ampliou-lhe a obra citada, aproveitando as observações do "Sketches of Residence", acrescentando muitas outras e formando dêsse conjunto, sob todos os títulos notável e harmônico, a obra "*Brazil and the Brazilians*", que fez grande sucesso nos Estados Unidos.

E' livro de observação, de divulgação histórica, revelador de aspectos e costumes brasileiros da época, enfim, excelente documentário da nossa vida até os meiados do século XIX.

Dêsse trabalho extraímos a página referente à VITÓRIA RÉGIA, "o gigante do reino da flora", e, cuja descoberta, consideram os autores "um fáto notável no mundo dos naturalistas, tão notável, mesmo como a abertura da navegação a vapor do Amazonas, para o mundo comercial".

A VITÓRIA RÉGIA, pelas suas dimensões, beleza e originalidade, é, incontestàvelmente, a rainha da flora amazônica, e o seu nome, dado por Lindley em honra da Soberana que construiu o Império Britânico, foi por esta considerado o maior elogio, o maior louvor que poderia ser feito a uma Grande Rainha...

De tôdas as Ninfeáceas, a maior, a mais rica e a mais béla é a maravilhosa planta que foi dedicada à rainha da Inglaterra, e que traz o nome de *Vitória Régia*.

Habita as águas tranquilas das sombrias lagôas formadas pelo transbordamento do Amazonas e seus afluentes.

Suas folhas medem de 15 a 18 pés de circunferência. A sua parte superior é de um verde escuro e vistoso; a parte inferior é de um vermelho escarlate, ornado de grandes veias salientes, formadas por câmaras cheias de ar, tendo as hastes cobertas com espinhos elásticos.

As flôres se erguem cêrca de seis polegadas acima dágua, e, quando inteiramente desenvolvidas, têm uma circunferência de três a quatro pés.

As pétalas se abrem à noite; sua côr, a princípio do mais puro branco, passa, em 24 horas, pelas tonalidades sucessivas de um róseo leve até o mais brilhante vermelho.

Durante o primeiro dia da sua floração, as flôres exalam um delicioso perfume, e, no fim do terceiro a flôr murcha e mergulha novamente nágua para amadurecer suas sementes.

Quando maduras, essas sementes ,ricas em fécula, são colhidas pelos índios, que as assam e regalam-se com elas preparadas dêsse modo.

A descrição de tão magnífica planta explica a admiração experimentada pelos naturalistas que a contemplam pela primeira vez.

O célebre Haenke, quando viajava numa piroga pelo rio Mamoré, em companhia do padre La Cueva, missionário espanhol, descobriu, nas águas paradas junto à margem, essa gigantesca ninfeácea.

Vendo-a, o botânico caiu de joelhos, e, como um não muito piedoso escritor francês muito francesmente relata, exprimiu o seu entusiasmo religioso e científico, por exclamações apaixonadas e arroubos de adoração ao Creador, num improvisado Te-Deum que deve ter profundamente impressionado o velho missionário.

Em 1845, um viajante inglês, Bridges, quando seguia as margens cheias de florestas do Iacouma, um dos tributários do Mamoré, chegou a um lago, escondido na floresta, encontrando nêle uma colônia de Vitórias Régias.

Arrebatado pela sua admiração, quasi que mergulhou, a fim de colher algumas dessas flôres quando os índios, que o acompanhavam, apontaram para uns crocodilos selvagens, preguiçosamente repousando na superfície das mesmas.

Essa informação tornou-o cauteloso, mas, sem diminuir o seu ardor, correu à cidade de Sant'Anna, onde logo obteve uma canôa, que o conduziu até o lago, onde se achava o objéto de sua ambição. As folhas são tão grandes que dificilmente poude colocar duas delas na canôa, sendo obrigado a fazer vários percursos, a fim de completar a sua colheita.

Bridges, em breve, chegava à Inglaterra com as sementes, por êle conservadas em terra úmida; duas delas germinaram no aquário da estufa de Kew. Uma foi mandada para uma estufa maior, em Chatsworth; aí prepararam um tanque para recebê-la, aumentaram a temperatura, e a planta foi colocada em seu novo abrigo no dia 10 de agôsto

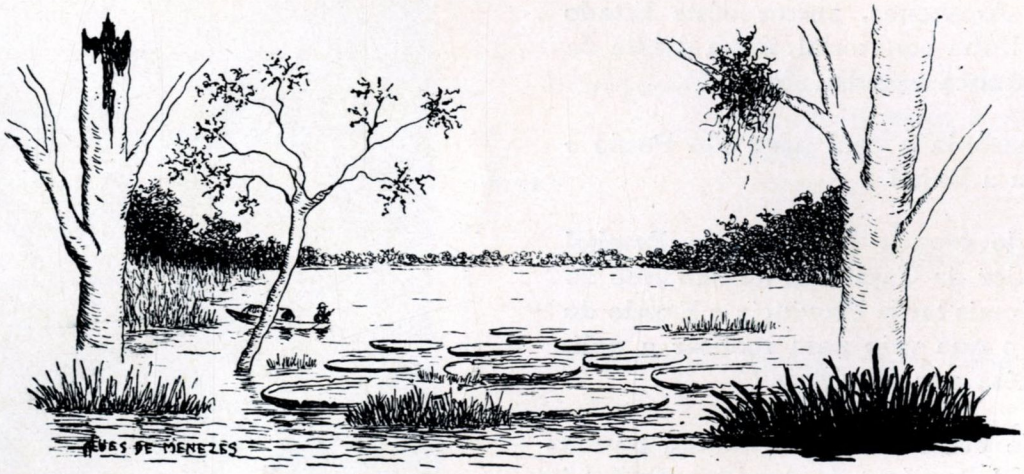
de 1849. Até os últimos dias de setembro foi necessário aumentar o tanque, dobrando o seu tamanho, a fim de dar espaço às suas folhas, que se desenvolviam com grande rapidez. Tornaram-se mesmo tão grandes, que uma delas poude suportar em cima o pêso de uma menina em pé.

O primeiro gomo abriu-se no comêço de novembro. A flôr, ao brotar, foi oferecida pelo sr. Paxton, célebre desenhista do Palácio de Cristal de Londres, ao seu monarca, e os maiores personagens da Inglaterra apressaram-se em visitar o Castelo de Windsor para admirar a béla homônima de sua graciosa soberana.

O nome dado a essa maravilhosa planta por Lindley foi escolhido com felicidade. Os índios do Amazonas ,porém, chamam-na "Uape Japona" — isto é, o "fôrno da Jaçanã", pelo fato de que a Jaçanã é muitas vêzes vista sôbre ela.

A Jaçanã é uma ave singular, de asas em esporão, duas vêzes do tamanho de um galo silvestre, provida de dedos delgados e excessivamente longos, (donde a denominação francesa de "ave cirurgião") que lhe permite deslisar por cima de várias plantas aquáticas.

A Jaçanã habita os alagadiços e as florestas à beira dágua, e muitas vêzes no interior, eu a vi pousada sôbre as folhas dos lírios nas margens dos rios.



Curiosidades do Vale Amazônico.

Você sabia que :

--- o rio Amazonas encerra um décimo das águas fluviais de todo o globo ?

--- no ponto em que se encontram o rio Negro com o Amazonas há um tal equilíbrio de fôrças que faz com que as águas negras do primeiro e as côr de barro do segundo, corram paralelamente sem se misturarem ?

--- O 2.º ponto mais alto do Brasil é o pico do monte Roraima, no atual Território de Rio Branco, com 2.875 metros ? Mais alto do que êle só existe o pico da Bandeira (entre Minas e Espírito Santo), com 2.890 metros.

--- as águas do rioTapajós são verdes como as do mar ?

--- Manáus possue um dos mais bélos teatros do mundo ?

--- o Acre antes de ser incorporado ao Brasil organizou-se em país independente ?

--- Altamira (no Pará) é o maior Município do Brasil, com 212.000 quilômetros quadrados ,ou seja: maior que Portugal e suas ilhas, Bélgica, Suiça e Holanda, reunidos !

--- de tôdas as Revoluções que agitaram o Brasil no período Regencial, a CABANAGEM (Pará e Amazonas) foi a única que teve caráter social ?

--- o clima do Amazonas, apesar dêste Estado achar-se na linha equatorial, é em média de 26 gráus e nunca excedeu de 37 ?

--- veio da Amazônia o café para São Paulo e o cacáu para a Baía ?

--- um irmão do grande Marquês de Pombal foi Governador da Capitania de São José do Rio Negro (mais tarde Província e Estado do Amazonas) e que veio para realizar a política portuguêsa nas Américas ?

--- a Estrada de Ferro Madeira-Mamoré possue a maior reta ferroviária da América do Sul ?

O Cabôclo Amazônico

"O cabôclo amazônico é capaz dos mais arrojados feitos em face da natureza, dentro da qual se desenvolve, enfrentando-a galhardamente. Essa capacidade não se presuma apenas uma potencialidade de suas ações: muitos a evidenciam na coragem, na intrepidez, na audácia tanta vez demonstradas e emparelháveis dignamente às apregoadas qualidades da bravura nordestina dentro neste meio áspero e bravio".

Araujo Lima.

Vigilenga

Termos regionais da Amazônia.

O progresso Amazonense

"Em menos de trinta anos o Estado do Amazonas que era uma vaga expressão geográfica, um deserto empantanado, a estirar-se sem limites para sudoeste, definiu-se de chôfre, avantajando-se aos primeiros pontos do nosso desenvolvimento econômico".

Euclides da Cunha.

Aturá — Cesto em forma de paneiro, tecido de talas de guarumã ou jacitára, próprio para conduzir cousas da roça para casa, sobretudo mandioca. Adicionam-lhe quatro varinhas, exteriormente, e ao comprido, a fim de lhe servir de pernas.

Caba — Inséto conhecido por vespa. Marimbondo no sul do Brasil.

Igarité — Canôa de tipo médio. Maior do que a "montaria" e menor do que a "galeota".

Japá — Tecido de folhas de palmeira para servir de porta aos papirís, ou de tolda às canôas.

Papirí — Pequeno abrigo feito na mata ou nas margens dos rios. Barracas rústicas, feitas com folhas de palmeiras e em caráter transitório.

Pé-Dágua — Chuva grossa.

Tucháua — Chefe de tribo indígena. A maior figura na direção das malocas.

Urupêma — Peneira. Crivo de talas por onde se côa o assaí, a mandioca, a bacaba, etc.

Cuéra — Valente. Forte. Destemido.

Curibóca — Escuro. Entre cabôclo e preto.

Jangada de toros de madeira

Quer conhecer a Amazônia?

Procure lêr:

LA CONDAMINE — *Viagem na América Meridional.*

AGASSIZ — *Viagem ao Brasil.*

H. W. BATES — *Um naturalista no rio Amazonas.*

A. R. WALLACE — *Viagem pelo Amazonas e Rio Negro.*

LACERDA E ALMEIDA — *Diário de Viagem.*

D. P. KIDDER e J. C. FLETCHER — *O Brasil e os Brasileiros.*

L. GIBBON — *Exploration on the valley of the Amazon.*

ARAUJO E AMAZONAS — *Dicionário Histórico, Descritivo da Comarca do Alto Amazonas.*

FRANCISCO B. DE SOUZA (Cônego) — *Comissão ao Madeira, Pará e Amazonas.*

ANDRÉ FERNANDES — *Notícias geográficas da Capitania do Rio Negro.*

FRANCISCO XAVIER R. DE SAMPAIO — *Relação geográfico-histórica do Rio Branco da América Portuguêsa.*

ALEXANDRE R. FERREIRA — *Viagem filosófica pela Capitania de São José do Rio Negro.*

JOHANNES VON NATHERER — *Diário de Viagens.*

JOSÉ MONTEIRO DE NORONHA (Padre) — *Roteiro.*

HENRI COUDREAU — *Voyage au Tapajóz.*

Foz do Rio Branco (no local de seu encontro com o Rio Negro)

No isolamento dos grandes desertos,
No meio das águas e das florestas
O neto dos indios
Está fazendo um mundo.

(Paulo Bentes)

CREME DE MILHO
« LUX »

Em pacotes de celofane
de 1 quílo e ½ quílo

O ALIMENTO PERFEITO PARA CRIANÇAS E ADULTOS

PRODUTO MUITO IMITADO
MAS NUNCA IGUALADO

PRODUTO DO

MOINHO DA LUZ

Exija do seu fornecedor A MARCA «LUX»

PAPEIS E TINTAS PARA IMPRESSÃO

ANTONINI & CIA. LTDA.

REPRESENTANTES E IMPORTADORES

TELEFONE 32-4980 RUA RIACHUELO, 401

RIO DE JANEIRO

MERECEMOS A CONFIANÇA DESTAS FIRMAS:

PRUDENCIA CAPITALIZAÇÃO
S/A FÁBRICAS ORION
CIA. QUÍMICA RHODIA BRASILEIRA
S/A YOUNG (ÓLEO PENNZOIL)
LABORÁTORIOS LYSOFORM S/A
INDÚSTRIA BRASILEIRA DE MEIAS S/A
VALISÈRE S/A
EMPRESA BRASILEIRA DE RELÓGIOS (RELÓGIOS ESKA)
INDÚSTRIA E COMÉRCIO ASSUMPÇÃO S/A (RADIOS LINCOLN)
EDITORA COMERCIAL LTDA. (DIGESTO ECONÔMICO)
ASSOCIAÇÃO COMERCIAL DE SÃO PAULO
PERFUMARIA SAN-DAR
COMPANHIA VINÍCOLA E AGRÍCOLA SÃO ROQUE (VERMOUTH GANCIA)
ARMAÇÕES DE AÇO PROBEL LTDA.
ALBERTO AMARAL & CIA. LTDA.
RÊDES ESTADUAIS AÉREAS LTDA. (REAL)
LIGHT AND POWER
COMPANHIA TELEFONICA BRASILEIRA
CASAS MOUSSELINE
CASA LÚ — MODAS
ISNARD & CIA. (SÃO PAULO)
J. ISNARD & CIA.
VITRAIS CONRADO SORGENITCH
CASA DA BORRACHA LTDA.
ERNESTO P. SOARES
FIGUEIRÔA — MODAS ESPORTIVAS
CIA. BRASILEIRA DE ALUMÍNIO
CIA. NITROQUÍMICA BRASILFIR
BANCO SUL-AMERICANO DO BRASIL
TRUSSARDI S/A
CASA FACHADA
CASTRO RIBEIRO AGRO-INDUSTRIAL (EXTRATO DE TOMATE CRAI)
SOCIEDADE ELETRO-MERCANTIL PAULISTA LTDA.

PANAM PROPAGANDA LTDA.

SÃO PAULO
BARÃO DE ITAPETININGA, 297-6.º
TELEFONES: 4-4623 e 6-2098

RIO DE JANEIRO
AV. BEIRA MAR, 262-7.º - SALA 703
TELEFONE 22-3047

BANCO DO BRASIL S. A.

1808 — **Sede: Rua 1.º de Março, 66 - Rio de Janeiro (DF)** — **1946**

Taxas de depósitos:

Depósitos sem limite . . . . . 2 % a. a.

Depósitos populares (limite Cr$ 50.000,00) 4 % a. a.

Depósitos limitados (limite Cr$ 100.000,00) 3 % a. a.

Depósitos a prazo fixo:

Por 6 meses . . . . . 4 % a. a.

„ 12 „ . . . . . 5 % a. a.

Com retirada mensal de juros:

Por 6 meses . . . . . 3 ½ % a a.

„ 12 „ . . . . . 4 ½ % a. a.

Depósitos de aviso prévio:

30 dias . . . . . 3 ½ % a. a.

60 „ . . . . . 4 % a. a.

90 „ . . . . . 4 ½ % a. a.

Letras a prêmio (sêlo proporcional)

Condições idênticas às de depósitos a prazo fixo.

O Banco faz tôdas as operações do seu ramo: descontos, empréstimos em conta corrente, cobranças, transferências etc. e mantém filiais ou correspondentes nas principais cidades do país ou do exterior, possuindo no Distrito Federal, além da Agência Central, à Rua 1.º de Março n.º 66, mais as seguintes:

Bandeira, Rua do Matoso, 12 - **Campo Grande**, Rua Campo Grande, 100 - **Glória**, Praça Duque de Caxias, 23 - **Madureira**, Rua Carvalho de Souza, 299 - **Méier**, Av. Amaro Cavalcanti, 95 - **Ramos**, Rua Leopoldina Rego, 78 - **Saúde**, Rua do Livramento, 63 - **Tiradentes**, Rua Visconde do Rio Branco, 52 e **São Cristovão**, Rua Figueira de Melo, 360 (esquina da Rua São Cristovão). **Vila Izabel** (em instalação), Rua 28 de Setembro, 412.

DIANDA, LOPEZ & CIA. LTDA.

ESTABELECIMENTOS INDUSTRIAIS

Rua do Rosário, 107-1.º andar — Telefones 23-3387 e 23-4667

ÓLEOS - COMPOSTO

FARINHAS

"GUANABARA" - "LETIZIA"

RIO DE JANEIRO SÃO PAULO

ESTA REVISTA
FOI IMPRESSA EM

OFICINAS GRÁFICAS
ARTE MODERNA LTDA.

AV. MEM DE SÁ, 236
TELEFONE 32-4656

RIO

QUANTO VALE O IMPULSO INICIAL

POR si só o balanço do garoto não se movimenta. Cabe ao Senhor imprimir-lhe o primeiro impulso. Faça o mesmo com a vida futura de seu filho, dando-lhe no presente o impulso decisivo. Adquira, para êle, títulos da Prudencia Capitalização. Êsse impulso inicial, benéfico, agirá pelo tempo a fóra, consolidando-se em reservas para amparo seguro da vida de seu filho.

PRUDENCIA CAPITALIZAÇÃO

★ COMPANHIA NACIONAL PARA FAVORECER A ECONOMIA ★

PANAM — Casa de Amigos

AMAZONAS
GOVERNO DO ESTADO

Comunicado

A disponibilização (gratuita) deste acervo, tem por objetivo preservar a memória e difundir a cultura do Estado do Amazonas e da região Norte. O uso deste documento é apenas para uso privado (pessoal), sendo vetada a sua venda, reprodução ou cópia não autorizada. (Lei de Direitos Autorais – Lei n. 9.610/98.

Lembramos, que este material pertence aos acervos das bibliotecas que compõe a rede de Bibliotecas Públicas do Estado do Amazonas.

Contato
E-mail : acervodigitalsec@gmail.com

Av. Sete de Setembro, 1546 - Centro
69005.141 Manaus - Amazonas - Brasil
Tel.: 55 (92) 3131-2450
www.cultura.am.gov.br

Secretaria de
Cultura